

## **A bruxa moderna e a personagem ressignificada: relações entre o religioso e a mídia<sup>1</sup>**

The modern witch and the re-signified character: relations between religious and media.

Dartagnan Abdias Silva<sup>2</sup>  
[dartagnanabdias@gmail.com](mailto:dartagnanabdias@gmail.com)

### **RESUMO:**

O presente trabalho visa realizar um pequeno estudo antropológico contextualizado a respeito da imagem da bruxa presente em um recente seriado norte-americano: *The Secret Circle*, baseado na obra literária da autora Lisa Jane Smith. Assim, na tentativa de entender a relação entre a prática religiosa da bruxaria e sua correspondência com a mídia, principalmente infanto-juvenil, busca-se descrever a mudança do imagético social a respeito da imagem da bruxa – contextualizada com a prática e o cenário religioso -

**PALAVRAS CHAVES:** Bruxaria. Mídia. Wicca. Paganismo.

### **ABSTRACT:**

The current work aims to realise a short contextualised anthropological study about the image of the witch present in a recent North American series: *The Secret Circle*, based in the author's Lisa Jane Smith literary piece. Then, in an attempt to understand the relation between the Witchcraft religious practice and its correspondence to the media, mainly to the teenager's media, to describe the change of the social imagetic regarding the image of the witch – contextualised to the practice and to the religious scenery.

**Keywords:** Witchcraft. Media. Wicca. Paganism.

## **INTRODUÇÃO**

A mídia demonstra um papel socialmente muito importante, atua como formadora de opiniões e desempenha uma clara função na eleição das condutas morais e amorais da sociedade. Isso funciona dos dois lados, tanto para positivar (ou seja, dar aceitabilidade e boa representação social) e encorajar um comportamento, quanto em

---

<sup>1</sup>Texto referente a uma comunicação apresentada na 3ª Semana de Ciência da Religião da UFJF realizada entre os dias 6 e 9 de outubro de 2014.

<sup>2</sup>Mestrando em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora.

seu oposto: para negatizar (tornando determinado comportamento “errado” ou inaceitável) ou tornar ruim determinadas atitudes.

Tendo em vista esse panorama, o presente trabalho visa estudar a modificação da imagem sobre a personagem da bruxa no seriado *The Secret Circle*. O seriado lançado em 2011 nos Estados Unidos aborda a imagem da bruxa de uma maneira claramente diferente da comum realizada pela mídia. Ou seja, a velha bruxa feia e má deu lugar a bons bruxos e bruxas, jovens e belos.

Essa positivação cresceu nos filmes e séries exibidas (como as obras: *A Feiticeira*, *As Brumas de Avalon*, *Da Magia a Sedução*, *Jovens Bruxas*, *Harry Potter*, *João e Maria – caçadores de bruxas*, e claro o seriado *The Secret Circle* e possui uma ligação direta e indireta com a prática religiosa da bruxaria ao trazer pesquisas de roteiro que incluem informações, alusões ou até recriações dessas práticas. Tradição religiosa essa que conhecida como Paganismo e Neopaganismo – no qual se abriga a tradição Wicca<sup>3</sup>, a mais comum dentro da prática da bruxaria moderna – a bruxaria como religião gera uma grande base de pesquisa e composição de personagens e tramas. Essas novas mídias parecem atuar, junto à pesquisa de roteiro com base nos movimento místicos da bruxaria moderna, de forma direta tanto no campo do proselitismo, principalmente juvenil, quanto na relação do imaginário social e da aceitação da prática pela sociedade, que até outrora a condenava (Russell e Alexander, 2008).

Assim, reconhece-se aqui a importância que a mídia e os meios de comunicação exercem sobre essa religiosidade. Também se considera a existência cada vez maior de filmes, livros e seriados sobre a bruxaria moderna, cada qual trazendo variantes de uma mesma e nova versão da imagem da bruxa: uma imagem cada vez mais positiva. E, sob essas constatações, seguirei a análise do seriado *The Secret Circle* no presente trabalho.

A série foi ao ar em 2011 nos Estados Unidos. A emissora SBT foi a primeira a lançar a série, exibindo-a nas madrugadas de sexta-feira, posteriormente alterou o dia e o horário de exibição para sábado, às cinco horas da manhã, em 2013.

---

<sup>3</sup>A Wicca é uma recente tradição de bruxaria criada no século XX pelo inglês Gerald Gardner, na época também membro da *Ordem Hermética da Golden Dawn*. A Wicca está difundida mundialmente contendo várias tradições e interpretações, vinculadas ao resgate da bruxaria e das culturas antigas, anteriores a era cristã (DANIELS & TUITÉAN, 2004).

O Roteiro da série foi escrito por Andrew Miller e Lisa Jane Smith<sup>4</sup> (também autora dos livros), produção de Andrew Miller e a direção de Liz Friedlander. A série se baseia na trilogia de mesmo nome, da autora e roteirista L. J. Smith. Assim, a partir da pesquisa nos grupos e fóruns da rede social online *Facebook*: “A Arte Antiga”, “Filhos das Trevas (neo-paganismo)” e “Grupo Magos e Bruxas Brasil”, *The Secret Circle* foi e é assistido também pelos jovens bruxos e bruxas do país – motivados pela atual cultura televisiva desses seriados, em suas TVs a cabo, ou mesmo através dos *downloads* da internet – da mesma forma que tantos outros filmes, livros e seriados sobre o tema são igualmente assistidos (a exemplo de *As Brumas de Avalon*, *Da Magia a Sedução*, *Jovens Bruxas*, *Harry Potter*, *O Senhor dos Anéis*). Esse novo seriado pode ter exercido uma forte atração, trazendo os jovens à procura dessa “nova” religiosidade, muito ligada também às presentes questões sociais da ecologia e da sustentabilidade (uma vez que se mostra uma religiosidade voltada para o natural, para o “endeusamento” da natureza); e muito relacionada à busca do eu interior e da individualização, como discutida por Taylor (1997) em seus discursos sobre as “teorias do *self*”.

Assim, o presente trabalho analisa a imagem da bruxa encontrada no seriado norte-americano *The Secret Circle*, na decorrência da transição histórica dessa imagem, principalmente na era cristã, da velha bruxa malvada e pactuada com o diabo para a atual bela, sábia e sedutora bruxa, como apontado no livro *História da Bruxaria* de Russell e Alexander (2008), e apresentada não só nos seriados como também pela nova religiosidade da bruxaria, muito marcada, inclusive, nas práticas, livros e grupos wiccanos.

## **METODOLOGIA**

O trabalho parte de uma análise da imagem da bruxa e decodificação da trama, personagens e referências religiosas contidas no seriado norte-americano *The Secret Circle*. A análise desse seriado se passa também em um contexto histórico

---

<sup>4</sup> Lisa Jane Smith, mais conhecida pela sigla L. J. Smith, é uma escritora californiana (EUA) de literatura adulto-juvenil. Seus livros combinam com vários gêneros como horror, ficção científica, fantasia e romance. A saga pela qual é mais conhecida é a obra literária *The Vampire Diaries* (Diários de Vampiro – 1998 e reedição em 2007), que também virou série.

contemporâneo de emergência de filmes, livros e seriados referentes ao tema e a difusão da boa imagem da bruxa, como os já descritos acima; reconhecendo nesses um auxílio muito grande para a atual imagem que cerca a bruxa e a bruxaria.

Paralelamente, utilizou-se de conversas virtuais direcionadas ao tema, realizadas através da rede social online Facebook<sup>5</sup>, que abordavam perguntas gerais como “se era praticante ou não da bruxaria”, “se sim, de qual vertente ou tradição”, “se fazia parte de algum grupo ou participava de reuniões”. Elas questionavam também como a pessoa descobriu e iniciou suas práticas e perguntavam de forma mais aberta o que a pessoa pensava sobre a mídia (tanto internet quanto televisiva) e que tipo de relação isso trazia ou mantinha com a prática. Dos que se diziam praticantes foram entrevistados: Caelos<sup>6</sup>, Alef<sup>7</sup>, e Romana<sup>8</sup> (nomes usados pelos entrevistados nas mídias virtuais como *nicknames* denotando nomes mágicos de uso ritualístico), sendo Caelos wiccano<sup>9</sup>, Alef reconstrucionista<sup>10</sup> e Romana neopagã.<sup>11</sup> Também mantive entrevistas com Umbrá<sup>12</sup> (também nome utilizado religiosamente), que se identificava como wiccana, mas não era fã da série. Para as duas pessoas não praticantes, mas que assistiram o seriado estudado (Sofia<sup>13</sup> e Picho<sup>14</sup> - nomes fictícios), as perguntas foram mais simples: era de interesse saber se elas conheciam a prática religiosa da bruxaria e, conhecendo ou não, o que pensavam dela.

---

<sup>5</sup> O uso do Facebook se mostrou a melhor ferramenta para um contato mais amplo com os entrevistados, uma vez que todos são de cidades diferentes da minha (Juiz de Fora). A escolha desse recurso também se mostrou plausível pelo site de relacionamentos ser também um forte conector entre os bruxos, como aponta Ribeiro (2003); e o mesmo se observou quanto aos fãs de série.

<sup>6</sup> Caelos (nome usado ritualisticamente), vinte e três anos, trabalha no comércio de roupas em Petrolina (PE), se assume como wiccano e participa de um grupo em sua cidade.

<sup>7</sup> Alef (nome usado ritualisticamente), vinte anos, trabalha no comércio de calçados e mora em São Paulo (SP), se identifica como reconstrucionista e segue sua religião de forma solitária, sem participar de grupos de forma ativa e direta.

<sup>8</sup> Romana (nome usado ritualisticamente), trinta anos, se considera neopagã e é advogada, residente no Rio de Janeiro (RJ)

<sup>9</sup> Seguidor da Wicca, religiosidade moderna criada de base na Bruxaria e no Paganismo.

<sup>10</sup> Reconstrucionismo é uma vertente pagã que visa reconstruir o máximo possível a vivência religiosa histórica daquele povo que se destina a seguir.

<sup>11</sup> Neopaganismo é uma corrente mais ampla que engloba todas as formas de paganismo em livre circulação ou concordância: bruxaria tradicional, terapias holísticas, reconstrucionismo, Wicca e bruxaria moderna

<sup>12</sup> Umbrá (nome usado ritualisticamente), vinte e três anos, é uma wiccana, graduanda em Geografia pela UFPR, residente em Curitiba (PR).

<sup>13</sup> Sofia (nome fictício), dezessete anos, é estudante do Ensino Médio, residente em Jundiá (SP).

<sup>14</sup> Picho (nome fictício), vinte e um anos, universitário, cursando História na UFMG e atualmente residente em Belo Horizonte (MG).

Além disso, pertenci e analisei por cerca de um ano grupos articulados no Facebook, tanto sobre o seriado, quanto sobre a bruxaria. Esses se tornaram fundamentais para a compreensão tanto da influência religiosa e do papel dos sites de relacionamento para a bruxaria – como já apontava Ribeiro (2003)–, quanto para melhor entender à relação entre a prática religiosa e a mídia, focalizando no seriado estudado.

## **A BRUXARIA MODERNA**

Em um primeiro momento, é importante esclarecer que estabelecer um modo, uma definição religiosa e mesmo uma ritualística específica do que seria a bruxaria moderna aparenta ser algo completamente complexo e extremamente impreciso. Por essa razão – e em conhecimento da multiplicidade de tradições e definições para esse conceito – não me ative no presente trabalho a conceituar ou buscar uma normatividade regular desse comportamento, mas o deixei de maneira fluída e subjetiva como me foi apresentado pelo campo nativo.

Assim, podemos dizer que a partir de meados das décadas de 1970 e 1980, com o “boom” do movimento *New Age* iniciado nos Estados Unidos, pode se constatar uma mudança de paradigmas sociais – entendendo por esses o estilo de vida, o modo de pensar o social e o pessoal, a estrutura familiar e os conceitos em relação à indústria, o meio ambiente e a concepção individual – vivenciados pelas gerações que se seguiram (Oliveira, 2007). Desse modo, o debate ecológico e a constante individualização, a busca pelo *self* como apontam respectivamente Giddens (1991) e Taylor (1997) abriram espaço para um novo e crescente do pensar a si mesmo e da vivência e análise do social.

Junto com explosivas transformações vividas pela sociedade, a religião Wicca – de acordo com Daniels e Tuitéan (2004), foi criada no século XX pelo inglês Gerald Gardner, membro da **Ordem Hermética da Golden Dawn** (Aurora Dourada) – também começou a responder a esse “boom”, não só por parte de sua divulgação (referindo à grande circulação e publicação de livros nativos sobre o tema), mas também, e principalmente, pelo número cada vez mais crescente de adeptos em todas as partes de nosso mundo ocidental. Como consequência disso, hoje alguns países europeus, como a Inglaterra (de forte tradição celta), e os Estados Unidos (onde essa explosão foi mais forte) reconhecem a Wicca e as tradições de bruxaria como também religiões oficiais e

protegidas pelo Estado. “A wicca faz parte da Nova Era, um movimento com faceta religiosa que faz recurso ao tradicional, mas estabelece-se de acordo com padrões modernos.” (Osório, 2005, p. 137)

Toda essa explosão também surtiu efeito na mídia, que parece atrair as gerações mais jovens; e que, contextualizados nas conquistas do movimento, já gozam das modificações sociais resultantes do processo *New Age* (Oliveira, 2007). Com isso, a mídia não tem só exercido um fator de pertencimento na vida desses jovens, como também tem sido um fator quase decisivo na difusão da Wicca e da Bruxaria, bem como um meio crescente de disputa por poder dentro dessas tradições, ao menos no Brasil (Osório, 2005). “A televisão e a imprensa, no caso das bruxas, servem de veículos que alcançaram o público além de seu grupo, levando a bruxaria para outras pessoas.” (Osório, 2005, p. 137).

Entretanto, essa imagem midiática não é tão positiva assim. Osório também aponta para acusações internas à bruxaria derivada dessas aparições públicas e midiáticas. “As acusações referentes à moda, ao senso estético ou à família tratam da falta de comprometimento da bruxa com o aspecto religioso da bruxaria, de sua necessidade de ser bruxa para os outros e não para si.” (Osório, 2005, p. 134).

Por conseguinte, cabe ressaltar que são observados hoje dois outros movimentos igualmente fortes dentro da bruxaria. Se antes a Wicca assumia quase que o sentido de sinônimo de bruxaria moderna, hoje ela abre espaço para mais duas outras vertentes: o chamado Reconstrucionismo e o Neopaganismo. O primeiro é uma visão de que a Wicca recriou e recontou as antigas mitologias e práticas mágicas da Europa pré-cristã (Russell e Alexander, 2008), desse modo, os adeptos do Reconstrucionismo – como ficou mais conhecido – visam reconstruir o máximo possível desse mundo antigo nos dias de hoje, recriando suas culturas, pensamentos, mitos e práticas mágico-religiosas. De forma bastante clara, se percebe que esse movimento se fundamenta muito em livros históricos e descobertas arqueológicas para se consolidar, porém se torna visível a necessidade de se adaptar certas práticas e conceitos reconstruídos à realidade contemporânea.

O segundo movimento se insere em uma forte corrente neo-esotérica do que Magnani (1999) chamou de “circuito neo-eso”, como foi observado principalmente em São Paulo (SP). Essa corrente se caracteriza numa vertente da bruxaria bastante inserida na lógica do mercado religioso, e, com isso, se torna uma prática flexível que funde em

si várias outras práticas, conceitos e hábitos das religiões e religiosidades consideradas como “esotéricas”. Desse modo, o integrante dessa corrente tem total liberdade para se fundir a vários e diferentes grupos, bem como mesclar as várias religiosidades, crenças e conceitos mágicos que se concentram em seu entorno. Para tais fusões, os adeptos fazem o uso da internet em pesquisas pontuais, mas pouco aprofundadas, como sua principal ferramenta para a criação ou manutenção de sua prática – que se torna cada vez mais individualizada em decorrência das multiplicidades de opções e possíveis fusões que se apresentam nesse campo.

Por essa razão, não me ative em contatos com praticantes de apenas uma corrente da chamada bruxaria moderna, mas busquei contatos com integrantes das mais variadas correntes e tradições quanto possíveis (como a Wicca, Reconstrucionismo, Neopaganismo).

## **A RESSIGNIFICAÇÃO DA IMAGEM DA BRUXA**

Historiadores, como Russell e Alexander (2008), empreendem uma nova compreensão da concepção e da prática da bruxaria durante a história e hoje – entendem-na como um conjunto religioso com símbolos, signos e significados próprios, bem como com sua própria concepção de mundo, cultura religiosa, credo e crenças. Um conjunto histórico-cultural diversificado e objeto de muitas distorções históricas, entre as quais, as noções de possessão demoníaca e outras<sup>15</sup>.

Dentro de um imaginário popular transmitido tanto pelos contos de fada, pelas histórias e mais recentemente pelos filmes, séries e pela mídia digital, a bruxa sempre foi vista como uma personagem demoníaca, anticristã, malvada e com um estereótipo muito bem marcado: era velha, feia, poderosa, noturna e tinha pavor de crianças. Elas se reuniam de maneira secreta para conspirar contra as pessoas de bem, realizar orgias e devorar crianças raptadas e usadas em suas poções e óleos mágicos. Historicamente e de acordo com Russell e Alexander (2008) a (imagem da) bruxa era (de) uma pactuada com o diabo, que trocava sua alma pelos poderes mágicos e pela presença de seu senhor como protetores e guias, negando a Cristo e a bondade e realizando atos horríveis que atentavam contra a sociedade e, principalmente, as crianças.

---

<sup>15</sup> Segundo Russel e Alexander (2008), a partir da segunda metade do século X, os estudos sobre bruxaria e feitiçaria se multiplicaram.

Nos julgamentos, realizados pela Idade Média, a bruxa era acusada de heresia e pacto com o diabo e forçada em seu interrogatório a delegar e delatar suas cúmplices de pacto, geralmente treze delas, formando o que ficou conhecido como “sabá das bruxas”: uma reunião de bruxas. Muitas dessas acusadas, de acordo com Russell e Alexander (2008) eram inocentes, condenadas apenas por terem comportamentos distintos do padrão social da época: isolamento, ser viúva, ser muito velha e sem família, não ser convidada para uma festa em seu vizinho e em tempos depois a plantação desse vizinho morrer misteriosamente. Eram culpadas pelas desgraças sociais e salubres que aconteciam no local e sua condenação bem como a destruição de seu grupo seriam a salvação para se ter uma vila abençoada e vivendo nas graças de Deus. Em “tempos de deslocamento e dissoluções [...] a feitiçaria e a bruxaria podem funcionar como catalisadores de um foco e um nome concreto para inquietações difusas” (Russell e Alexander, 2008, p. 18).

Essa imagem foi claramente solidificada no imaginário social e inspirou muitos escritores a comporem personagens baseados nessa visão. Assim nasceu os contos e histórias que traziam a bruxa como a vilã, geralmente mulher, feia, velha e profundamente malvada, que conspirava contra o herói e a mocinha clássica do conto ou da história. Isso sobreviveu até os dias de hoje, o que pode ser claramente identificado se observarmos meramente nossos contos de fadas e, inclusive, falando de mídia, observarmos os desenhos animados inspirados ou não nos contos escritos: a imagem da bruxa ainda é – em sua maioria – de uma mulher velha, com poderes, malvada que conspira contra o herói e a mocinha da trama.

Entretanto, bem mais recentemente, depois dos movimentos das décadas de 1970 e da explosão do movimento *New Age* pelos Estados Unidos e posteriormente pelo mundo, a imagem da bruxa começou a mudar rapidamente. Livros sobre o tema, como os clássicos *A Bruxaria na Europa Ocidental* de Margaret Murray (1921) e *A Deusa Branca*, de Robert Graves (1948)<sup>16</sup>, começaram a ser publicados iniciando uma nova visão e interesse sobre a bruxaria, não mais vista por esses autores como demoníaca, mas ressignificada. Esse movimento gerou, de acordo com Russell e Alexander, uma profunda modificação iniciando o processo de consolidação da bruxaria moderna,

---

<sup>16</sup>Apud: (RUSSELL & ALEXANDER, 2008)

polarizada principalmente pela criação da Wicca por Gerald Gardner e por seus livros e entrevistas.

Aparentemente essa transformação não foi instantânea, muito menos fácil. Ainda sobrevive a imagem negativa e demoníaca sobre a bruxa, no mesmo espaço em que a nova imagem e a bruxaria moderna conquistaram. Contudo, o que se identifica de maneira muito expressiva é uma progressiva alteração dessa imagem pela mídia que aparentemente contribui de maneira significativa para a mudança do imaginário social sobre a prática religiosa em si. Assim, pode-se dizer que a bruxaria ressurgiu na contemporaneidade ressemantizando determinados valores, reorganizados em um modelo completamente moderno, tanto organizacional quanto estrutural (OSÓRIO, 2005).

A bruxaria moderna é uma religião em transição. Considerando o fato de que já teve mais eventos significativos em sua curta história do que muitas religiões registram ao longo de séculos, seria prematuro especular a respeito de seu futuro a partir desse ponto. Mas o movimento presente abriga uma tensão interna que claramente terá de ser resolvida. A aproximação de uma crise está embutida no processo mutável da rejeição para a aceitação social, de ser um culto fechado, sigiloso e iniciático para se tornar uma religião aberta, reconhecida e pública. A questão pode ser colocada da seguinte forma: se a identidade religiosa de alguém, e boa parte de sua motivação religiosa, derivou-se de uma oposição ao sistema dominante, o que vai acontecer quando esse alguém for agregado a esse sistema? De inúmeras formas esse processo já se encontra em andamento, e certamente implicará importantes modificações. (Russell e Alexander, 2008, p. 200-201).

Desse modo, constata-se nos estudos sobre o espaço virtual e os praticantes da Wicca no Brasil que, os praticantes da bruxaria hoje se caracterizam por uma pessoa que está construindo sua identidade do que seria “ser bruxa/o”. De acordo com Osório (2005), esses atributos não envolvem só as noções clássicas dos praticantes de magia: curandeiros, adivinhos e detentores de poderes mágicos. Eles também envolvem toda uma construção pessoal sobre uma identidade de gênero, de sexualidade, de opção e prática religiosa. Dessa forma, a bruxa de hoje não é alguém velha, feia e isolada do mundo, mas alguém completamente inserida nele, apresentando variados graus de escolaridade (muitas delas graduadas ou graduandas), amplo acesso à informação e com indicadores econômicos (geralmente classe média) bem definidos (Osório, 2005).

Como demonstra a autora, as bruxas modernas fazem parte de um segmento social que possui amplo acesso aos meios de comunicação, o que, também é o motivo

de tê-las aproximado da bruxaria, já que a grande maioria das bruxas modernas possuem raízes em outras tradições religiosas muito mais efetivadas na sociedade brasileira (como o catolicismo e o espiritismo). Assim, é certo falar que é o contato com os meios de comunicação (principalmente internet e televisão) que canaliza a conversão desses jovens – a grande maioria dos adeptos da bruxaria está em uma faixa etária de 11 a 30 anos de idade. Portanto, a internet aparece como a principal ponte para as reuniões e confraternizações de pessoas e grupos ligados à bruxaria. O que se constata em seguida é: sem esse veículo de informação, talvez os bruxos se encontrariam isolados (Osório, 2005)

### **O SERIADO *THE SECRET CIRCLE***

*The SecretCircle*, tem sua temática exclusivamente voltada para a bruxaria, baseado na série literária do romance de mesmo nome escrita por Lisa Jane Smith e publicados pela primeira vez no início dos anos 1990.

O importante a ressaltar no entanto, é que os fãs brasileiros da série, como se percebeu nas discussões de fóruns do *Facebook* como o grupo “*The Secret Circle Brasil*”, acompanhavam-na muito mais pelo *download* de seus episódios diretamente da internet do que pelos canais nos quais ela era exibida. Um dos fatores determinantes para isso foi o fato da grande maioria não ter TV à cabo, e os que tinham não conseguiam acompanhar a série através dela. Já quando a série passou em TV aberta, tardiamente e já tendo conquistado a maior parte de seus fãs no Brasil, o maior impedimento foi seu horário: na madrugada de sexta-feira para sábado, às cinco horas da manhã.

Dentro desse panorama, outro ponto que cabe ser mencionado é que no Brasil, dentro do canal da Warner, a série fazia sequência ao *The Vampire Diaries*<sup>17</sup> (Diário de Vampiro), uma série de grande fama e prestígio dentro e fora do país, o que em tese poderia ter levantado a audiência da série estudada, mas que não se configurou um fato.

---

<sup>17</sup>*The Vampire Diaries*, da mesma autora de *The Secret Circle* (L. J. Smith), também traz a imagem positivada da bruxa, manifesta em geral através da personagem Bonnie e sua família, e uma conexão entre os poderes da bruxa e a natureza, o que notoriamente indica essa posituação da imagem em um âmbito mais enfático e de maior abrangência dentro da mídia juvenil contemporânea.

Outro fator de grande interesse, mas não efetivado foi a promessa da TV Record – uma emissora que exhibe novelas e programas direcionados a fé cristã – havia prometido, em seu site, exhibir esse seriado em sua programação. A não realização desse fato se deu na justificativa da segunda temporada da série ter sido cancelada pelo canal norte-americano. E assim, alguns meses após esse cancelamento, o SBT lançou o seriado. O que traz consigo um segundo fato a se notar: após o término da exibição de *The Secret Circle*, a emissora começou a passar em seu lugar a série *Eastwick*, que também é focada na bruxaria e na positivação da imagem da bruxa.

Quanto ao seriado pesquisado, de acordo com o blog “*The Secret Circle*” (jan/2013) fãs nacionais e internacionais tentam conseguir sua continuação em outra emissora, a norte-americana *ABC Family*, mas isso acarretaria um segundo problema, os atores que compunham a série já estão executando outros trabalhos o que possivelmente levaria a uma reestruturação completa do quadro de atores para as próximas temporadas. Lembrando que esse ainda é um pedido intermitente dos fãs, mas sem nenhuma resposta positiva da emissora.

Desse modo, *The Secret Circle* está inserido em um momento da mídia juvenil de grande rotatividade cujo foco no místico e mágico e na positivação do personagem místico como algo bom, agora se volta para a imagem dos vampiros e lobisomens (o que se reflete no sucesso de filmes e séries com esses temas). Pelo que se percebeu o período mais áureo para a mídia sobre bruxaria como foco principal se deu entre 2001 e 2009 com o auge dos filmes em série de *Harry Potter* e *Senhor dos Anéis*. Entretanto, isso não diminui a importância do aparecimento dessas mídias no cenário juvenil, fator esse que se manifesta pelos personagens com as características de um bruxo, uma fada ou um mago nesses filmes e seriados de maior sucesso da atualidade.

Assim, a pesquisa se concentrou em entender a imagem da bruxa, da bruxaria no seriado, sua repercussão dentro dos adeptos da bruxaria moderna como religião e em como o entendimento da bruxaria se dava entre os telespectadores não-adeptos à prática ou mesmo sem o conhecimento real de sua existência.

## A BRUXARIA MODERNA E O SERIADO *THE SECRET CIRCLE*

Para entender a relação entre o seriado e a prática religiosa da bruxaria Moderna, foi necessário estudar os elementos práticos apresentados no seriado, como a concepção do círculo como uma organização de bruxos, a nomenclatura que segue posteriormente a imagem de um clã de bruxos – mostrando-se diferente de um círculo–, os elementos mágicos, os objetos mágicos, proximidade com a natureza, uso de ervas e pedras, a concepção dada ao poder mágico, a hereditariedade, as práticas e o livro de feitiços.

Dessa forma, articulou-se uma comparação entre esses elementos no seriado e na prática religiosa e o que se constatou foi que existe uma relação evidente e profundamente direta entre um e outro. Por mais ficcional que o seriado seja, as práticas se mostraram bem próximas da realidade vivenciada pelos praticantes da bruxaria.

Assim, se percebe que a bruxaria moderna, como foi apontado por Alef de forma nativa, por Ribeiro (2003) e por Russell e Alexander (2008); pode se organizar de quatro formas: por clãs, grupos familiares ou próximos disso que pertencem, em tese, a uma mesma família, ou montam grupos de regras mais flexíveis quanto ao aspecto institucional do grupo. Por *covens*, que seriam grupos mais rígidos, formados principalmente wiccanos. Por círculos, grupos de poucos amigos que se conectam magicamente uns aos outros a fim de intensificarem os poderes entre eles. Ou por bruxos solitários, que praticam sozinhos podendo ou não se reunir, sem de fato a institucionalização de um grupo.

O que se percebe é que a organização em círculo é exatamente a mesma, em ideia, apresentada pelo seriado: um grupo de amigos iniciais que se uniram e o que foi sendo seguido pelas gerações futuras de suas famílias.

Então questionei quanto a hereditariedade desse grupo. O que tanto Alef quanto Caelos apontaram é que a hereditariedade de um grupo vem de criação ou vontade da geração seguinte em seguir aquele mesmo caminho. O que de fato, na concepção da bruxaria, seria hereditário é a transmissão dos dons mágicos que viriam através do útero materno.

Esse ponto, também tange com a ideia da transmissão sanguínea apontada pelo seriado, apenas um pouco difusa, pois enquanto os informantes relatam ser uma transmissão matrilinear, o seriado passou como uma transmissão sanguínea, explicando

a herança das personagens Cassie e Diana dos poderes Balcoin, que seria sua família paterna.

Comparou-se então, o livro de feitiços, e o que se percebeu tanto na bibliografia nativa que foi lida (Daniels e Tuitéan, 2004; Lima, 2006, Zell-Ravenheart, 2008; Morrison, 2010), quanto no constante imaginário popular e também entre os informantes é que existem sim livros de feitiços escritos pelos bruxos. Eles podem ser ou não livros de família, ou livros de grupos. É um diário, uma forma mais fácil de memorizar os ensinamentos e encantos que deram certo, ou mesmo de corrigir os que deram errados. Na prática da bruxaria, esses livros recebem o nome de Livro das Sombras.

Questionou-se o uso de objetos mágicos como o medalhão do seriado, o que novamente foi confirmado tanto por fontes literárias nativas (Daniels e Tuitéan, 2004; Lima, 2006, Zell-Ravenheart, 2008; Morrison, 2010), quanto pelos informantes, que sim, eles são comuns e podem ter várias funções, desde proteção até ampliação de poderes.

Em seguida foi analisada a procedência do uso de cristais, pedras e ervas. Nova confirmação pelas mesmas fontes descritas acima. De acordo com a literatura lida e os informantes, bem como é mostrado por Russell e Alexander (2008), a bruxaria moderna se volta a uma prática natural em que o bruxo se conecta com a natureza e dela retira os elementos necessários para sua prática. Assim, o uso de pedras como catalizadoras e intensificadoras de magia é extremamente comum, bem como o uso de propriedades mágicas das plantas e elementos naturais a fim de aprimorar e dar maior suporte à prática da magia em questão.

A questão da ligação e utilização dos elementos naturais observada nos personagens que representavam seis elementos dentro do grupo (Cassie: Sangue, Diana: Metal, Adam: Água, Faye: Ar, Melissa: Terra, Nick e Jake: Fogo; também foi colocada em pauta. O que se confirmou é uma forte presença da crença e prática mágica em torno dos quatro, e não seis, elementos dentro da bruxaria moderna (Terra, Fogo, Água e Ar). Esses elementos seriam essenciais para a proteção e a execução plena da magia, tendo cada um seu papel: o Ar é a invocação, é o chamado, é através dele que as coisas se deslocam; o Fogo é a magia, a transformação, é através dele que as coisas acontecem; a Água são os sentimentos, é através dela que as coisas se formam e ganham ou perdem

poder e intensidade; a Terra é o sustento é através dela que tudo se torna verdade. Ou seja, um pouco dessa teoria nativa colocada no seriado deu inclusive o humor e papel de cada personagem na trama. Segundo Alef, o Metal poderia simbolizar o comando, e o Sangue, um elemento mágico que, segundo o informante, carrega os quatro elementos em si, “é um poderoso catalizador, e o responsável por manter o corpo vivo, sem ele não haveria vida” (Alef).

Tanto Alef quanto Caelos assistiram o seriado, então lhes perguntei o que diziam entre a prática da magia no seriado e a praticada por eles, se existia alguma relação. As respostas de ambos foram bem pontuais:

“Totalmente. Se não fosse a parte ficcional eu poderia dizer que foram práticas retiradas diretamente de algum grupo ou Livro das Sombras, eles só não trabalham o Círculo como também um espaço mágico.” (Caelos)

“Sinceramente, a pesquisa foi fantástica. Muitas ervas e pedras citadas têm realmente a função dada no seriado, os objetos e muitas questões são realmente tal qual na prática da bruxaria, como o uso de encantos em forma de mantras, a forma de fazer encantos, é bem similar ao que eu pratico no Reconstrucionismo.” (Alef)

O círculo ao qual Caelos se refere é o que tanto a Wicca, quanto o Reconstrucionismo e o Neopaganismo, usam o que eles chamam de traçar o círculo como uma forma de sacralizar o espaço aonde a prática ou o ritual acontecerá. Esse processo se constitui na purificação do local e dos participantes com água salgada e incenso, no traçado de um círculo mental e energético através do uso ou não de instrumentos mágicos como o *athame* (uma adaga sem corte) e a varinha, e da invocação dos quatro quadrantes, os quatro elementos (Terra: norte, Ar: leste, Fogo: sul, Água: oeste), para a proteção daquele espaço. Essa ritualística permite, portanto, que qualquer local possa se tornar um espaço sagrado, apto para a prática mágica. Entretanto, o que se ressalta é que essa prática é muito mais wiccana e neopagã do que reconstrucionista – apesar desses também usarem-na, só que em muito menor escala e importância, já que na visão reconstrucionista você não precisa do círculo totalmente traçado para executar a prática mágica em segurança, pensamento diferente principalmente quando analisado na Wicca.

Por fim, a relação da abordagem dos poderes mágicos foi colocada como ponto de discussão e novamente ambos os informantes, assim como toda a literatura a que me dispus, concordam com a maior parte da abordagem, mas discordam em dois pontos: 1)

“os poderes, assim como a magia, não são divididos em bons e maus como o seriado aponta, mas o que diferencia esse aporte é a conduta do bruxo que usa de seus dons e poderes” (Alef). 2) “Os poderes não são familiares, todos têm, basta serem desenvolvidos. O que pode sim ser familiar é o dom psíquico<sup>18</sup> que essa pessoa vem a desenvolver.” (Caelos).

Desse modo, o que se percebe é que a relação entre o seriado e a prática é bem estreita e íntima, bem diferente dos outros filmes de sucesso contemporâneo como a série *Harry Potter*, em que a ficção e a prática da bruxaria são bem diferentes. Mas o que se acredita é que esse movimento aconteça exatamente pela explosão da prática da bruxaria em muitos países, inclusive nos Estados Unidos – onde a maior parte dos seriados é produzida atualmente – o que dá maior margem de pesquisa para os roteiristas e produtores. Essa popularização traz o seriado mais próximo da realidade vivencial (o que na dramaturgia tem se mostrado uma receita de sucesso).

Contudo, há dois fatores muito importantes que foram vistos durante o seriado, exemplificados em duas cenas: o primeiro mostra uma luta entre o bem e o mal, centrada pela cena em que Kate, avó de Diana enterra Cassie para sufocar seus poderes malignos através de sua morte e impedir que um mal maior aconteça<sup>19</sup>. Nessa cena, Cassie é levada à floresta por Kate que diz querer ajudá-la a se livrar do mal dentro dela e que a Mãe Terra faria isso por ela em um ritual muito simples, no qual ela se ligaria a um galho de sabugueiro (árvore da morte) e através da morte (quebra) do galho, ela se livraria desses poderes perversos. O que Kate não contou é que seu plano era matar Cassie, enterrando-a viva para proteger e salvar os demais membros do círculo de um mal maior. Após o ritual que conecta Cassie ao galho, Cassie quebra o galho e desmaia, Kate coloca-a em um caixote de madeira, e a enterra viva. Cassie acorda segundos depois de ser colocada no caixote, enquanto vê Kate enterrá-la e dizer que isso é o que é preciso fazer. Sobre a pressão da morte e o pânico de estar sendo sufocada, quando está a beira da morte, Cassie liberta seus poderes tidos como negros, sombrios e malignos, e consegue se libertar do encanto de Kate, sendo em seguida resgata por seus

---

<sup>18</sup>A referência de dons psíquicos interage com um número relativamente grande de possibilidades listadas no livro *Grimório para o Aprendiz de Feiticeiro* de Oberon Zell-Ravenheart (2008): “empatia, telepatia, psicocinese, pirocinese, *poltergeist*, cura, clarisciência, clarividência, clariaudiência, claricinesia, clariolfacção, clarigustação, psicometria, precoginição” (Zell-Ravenheart, 2008, p. 88-91).

<sup>19</sup> Cena do episódio dez de *The Secret Circle: “Darkness (escuridão)”*, escrito por David Erhman e dirigido por Cris Grismer, e foi ao ar pela The CW em 05/01/2012.

amigos, Adam e Diana, que haviam descoberto todo o plano que visava a morte de Cassie e iniciado uma busca pela amiga.

Nessa cena, muitos detalhes se tornam importantes. O primeiro é essa imagem padronizada de bem e mal como opostos totais, que é reproduzido pela mídia desde os contos de fadas, fazendo crer no imaginário tanto das personagens quanto do público que se é bom ou se é mau. Nesse seriado isso se rompe na personagem de Cassie que, mesmo tendo podres malignos dentro de si, escolhe usá-los e atuar de forma boa e em prol da segurança de seu grupo e entes queridos. Essa ideia vai muito ao encontro da visão observada nos grupos do Facebook sobre a imagem que a bruxaria moderna tem sobre bem e mal, dizendo que ambos os lados coexistem em todas as coisas, é a pessoa quem teria o poder de escolha para qual lado atuar. Outro fator que casa com a prática religiosa é a descrição usada a respeito da Mãe Terra, como geradora, e responsável pela vida e morte, pela limpeza e purificação. Essa imagem está muito bem definida na bibliografia nativa a que tive acesso, principalmente no que concerne à Wicca. Assim sendo, fica claramente visível essa relação de pesquisa e transposição da prática religiosa ou de parte dela sobre a composição das personagens e da trama.

Outra cena, essa já trabalhando o lado que se mantém da imagem da bruxa que permanece sem ser ressignificada, é a cena na qual Eben, o chefe dos caçadores de bruxos, com sede de poder, invoca demônios para que possuam seu corpo e dando-lhe poderes mágicos e controle sobre seus inimigos<sup>20</sup>. Nessa cena, Eben vai até um terreno abandonado do que aparenta ser uma igreja com um jardim e um parque. Lá, ao usar uma armadilha, realiza o sacrifício de um humano possuído previamente por um demônio. Com isso, ele abre o portal para que os demônios possam entrar no mundo terreno e possuir seu corpo, dando a ele poderes sobrenaturais muito mais fortes que todos os demais juntos. Assim, os jovens bruxos liderados por John, fogem para traçar um novo plano: remontar a caveira de cristal: um artefato muito poderoso e antigo que teria o poder de destruir para sempre os caçadores de bruxos.

Aqui já é marcado o clichê da mídia e dos contos de fadas: um vilão, com super poderes e “endemoniado”, de forma tal que só conseguiu seus poderes através de sua sede de poder e de pactos com demônios, seres malignos e traiçoeiros. Isso comprova o que fora descrito anteriormente: apesar da positivação e da ressignificação da imagem

---

<sup>20</sup> Cena do episódio dezoito de *The SecretCircle*: “*Sacrifice* (sacrifício)”.

da bruxa na mídia, a imagem clássica e negativa ainda existe e permanece de forma sistemática nas tramas dos seriados e afins, muitas vezes criando uma coexistência entre as duas imagens e reforçando a polarização entre bem e mal comum em nossa sociedade ocidental, judaico-cristã.

## CONCLUSÃO

Após o sucesso de *As Brumas de Avalon*, tanto dos livros quanto do filme, e com o “boom” iniciado no tema pelos livros e filmes da série *Harry Potter*, a imagem da bruxa vem sendo cada vez mais positivada e incorporada a um imaginário sócio-religioso contemporâneo, reafirmando sua existência como categoria, religião e pessoa, como sustentam Ribeiro (2003), Osório (2005), Russell e Alexander (2008).

Assim, ao analisarmos a imagem da bruxa presente no seriado *The Secret Circle*, remetendo-a a um contexto histórico, cultural e também religioso, inclusive no que concerne à literatura e a dramaturgia; o que se encontra é uma transformação da imagem da bruxa má e “endemoniada” para uma bruxa cada vez mais jovem e sedutora; percebendo, decodificando e enfatizando os fortes embasamentos cinematográficos nas teorias e práticas da bruxaria moderna, incluindo a Wicca. Paralelamente através das entrevistas, questionários e/ou conversas dirigidas, o que se constata é uma imagem ainda acusativa da imagem da bruxa que aparece na mídia, como demonstrado por Andréa Osório (2005).

Concomitante, se torna imprescindível ressaltar que essa positividade não exclui nem inibe a imagem clássica da bruxa má, velha, feia e pactuada com o diabo muitas vezes fazendo as duas coexistirem paradoxalmente, e sem nenhum prejuízo numa mesma trama, em um mesmo enredo.

A apropriação por parte dos escritores, roteiristas e diretores das práticas religiosas da bruxaria moderna trazem sua crescente positividade e junto um novo estereótipo que é ao mesmo tempo acolhido e rejeitado pelos adeptos religiosos e exercendo um crescente proselitismo nos telespectadores – que nem sempre culmina em ser bom e positivo se observado da ótica dos bruxos nativos. Por outro lado, a recíproca se faz verdadeira, há uma crescente apropriação, principalmente estética por parte dos bruxos no que concerne a imagem midiática positivada das bruxas. E isso cria um

questionamento que não pode ser respondido nessa pesquisa de maneira direta: essa recíproca influencia e molda a prática da bruxaria de maneira efetiva, ou são os estudos por parte dos responsáveis pelas personagens que fazem as bruxas positivadas da nova mídia juvenil – o que conclui por fazer personagens cada vez mais realistas no que concerne à prática religiosa?

Outras questões também se tornaram evidentes e claras mas que não puderam ser devidamente trabalhadas, pois o tema em questão se mostrou profundamente denso e rico para ser meramente destrinchado da forma com que foi aqui proposta. O tema em si gera campos ainda mais inovadores para novas pesquisas e novas inserções, o que poderia resolver, em longo prazo, uma das maiores dificuldades sobre o tema: a pouca bibliografia acadêmica, apesar de visivelmente crescente.

A mídia atua, de maneira evidente, como formadora de opiniões, com a bruxaria não seria diferente. A despeito dos prós e contras em torno de sua aceitabilidade sociais, a relação entre a mídia e a bruxaria se torna cada vez mais próxima e íntima (Oliveira, 2007) – o que é visto pelo aumento crescente do tema da bruxaria nas novas obras e produções desde a década de 1970 –, é notável uma simbiose entre as duas no contexto da prática e quase que igualmente visível a relação e a ligação entre a mídia e a opinião pública a respeito da bruxaria. Dos telespectadores observados e entrevistados, dos que não se identificam como praticantes, o tema bruxaria deixou de ser um tabu para ser um tema “interessante”, “legal” e socialmente bem visto, inclusive comentado publicamente. Por outro lado, o paradoxo e a distinção entre a “prática boa” e a “prática má” permanecem vivos no imaginário, nas conversas de ambas as partes, principalmente dos não praticantes.

Por fim, o que se observa é uma resignificação da prática em dois pontos distintos no que concerne à bruxaria e a sua relação com a mídia. O primeiro ponto tange exatamente à prática religiosa que sai da obscuridade e dos cultos secretos e “iniciáticos” das Ordens Místicas (como a Maçonaria, Rosa Cruz, Golden Dawn, dentre outras), para uma religião mais aberta e vivida as claras. Esse movimento, juntamente com a mídia trabalha em uma relação ora atrativa ora dispersiva: o amor na resignificação e na apropriação dos elementos trazidos pela mídia na religiosidade – e o contrário, elementos religiosos que a mídia incorpora também se faz real –, e o ódio na tentativa marcada de diferenciar o sagrado (referente à prática religiosa) do profano

(relacionado à imagem da mídia). Já o segundo ponto se articula na questão da imagem social e no significado da prática dentro da visão social. Hoje muitos buscam cartomantes e bruxas para saber o futuro, limpem suas energias e conquistarem algo almejado. A bruxaria, com essa crescente posituação, começou a ganhar ainda mais espaços e esses espaços e circuitos urbanos, como descreve Magnani (1996), começaram a ser ainda mais freqüentados, agora não só pelos adeptos, mas também pelos curiosos, simpatizantes e fregueses. Isso mostra que a prática da bruxaria no contexto social tem deixado seu significado demoníaco para ganhar um significado de amor, união, paz e harmonia com a natureza e com a sociedade que positiva a imagem da personagem e do *ethos* pessoal no imaginário social, bem como serve de alicerce para a religiosidade se apoiar nas transformações que a seguem dentro da prática contemporânea.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, Brooks; RUSSELL, Jeffrey B. **História da Bruxaria**. São Paulo: Aleph, 2008.

**ASSOCIAÇÃO Brasileira de Arte e Filosofia da Religião Wicca** (ABraWicca). Disponível em: [http://www.abrawicca.com.br/?page\\_id=95](http://www.abrawicca.com.br/?page_id=95). Acessado em: 20 dez. 2012.

DANIELS, Estelle & TUITÉAN, Paul. **Wicca Essencial**. Rio de Janeiro: Pensamento, 2004.

GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1991.

HARRINGTON, Melissa. The long journey; a study of the conversion profiles of 35 British Wiccan Men. **REVER**: Revista de Estudos da Religião. São Paulo, ano 2, volume 2. 2002.

LANGER, Johnni & CAMPOS, Luciana de. The Wicker Man: Reflexões sobre a wicca e o neo-paganismo. In: **FÊNIX**: Revista de História e Estudos Culturais. \_\_\_\_\_, Vol. 4, ano IV, número 2, abr/mai/jun. 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Ligia Amaral. **Wicca: a religião dos Bruxos**. Rio de Janeiro: Nova Era, 2006.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. O Neo-esoterismo na cidade. **Revista USP**, "Dossiê de magia", 31, 1986.

\_\_\_\_\_. **Mystica Urbe**. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

\_\_\_\_\_. O Xamanismo Urbano e a Religiosidade Contemporânea. In: **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro: ISER, vol. 20 número 2, 1999.

MORRISON, Dorothy. **A Arte: O Livro das Sombras de uma Bruxa**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

OLIVEIRA, Amurabi Pereira de. A Nova Velha Tradição Religiosa: a wicca e a sua relação com as tradições pré-cristãs e contemporâneas. In: I Simpósio Internacional de Ciências das Religiões (PPGCR/UFPB). GT 5: Religião e Mídia. **Pluralismos**. João Pessoa: 2007.

OSÓRIO, Andréa. Bruxas Modernas na rede virtual: a internet como espaço de sociabilidade e disputas entre praticantes da Wicca no Brasil. **Revista Sociedade e Cultura**, Goiânia, jan-jun., ano/vol. 8, n. 001, p. 127-139, 2005.

\_\_\_\_\_. **Mulheres e Deusas**: Um estudo antropológico sobre a bruxaria wicca e a identidade feminina. 2001, 302p. Dissertação de Mestrado. PPGSA, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PFI. Uma Introdução da Federação Pagã. **Federação Pagã Internacional para a América do Sul**. Disponível em: <http://sam.paganfederation.org/?id=13&lang=pt>. Acessado em: 14/05/2013.

RIBEIRO, Alessandra Stremel Pesce. **Wicca**: paganismo urbano e religiosidade contemporânea. 2003, 136p. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

TAYLOR, Charles. **As fontes do Self**. São Paulo: Loyola, 1997.

**THE Secret Circle**. Série de TV. Direção: Liz Friedlander. Produção: Kevin Williamson e Andrew Miller. Local: The CW, 2011. 1º Temporada.

**THE Secret Circle**[blog]. Disponível em: <http://thesecretcircle-blog.blogspot.com/>. Acessado em: 14 dez. 2013.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

**UNIÃO Wicca do Brasil (UWB)**. Disponível em: <http://uniaowiccadobrasil.com.br/>. Acessado em: 20 dez. 2012.

ZELL-RAVENHEART, Oberon. **Grimório para o Aprendiz de Feiticeiro**. São Paulo: Madras Editora, 2008.